

# PAISAGENS CAIÇARAS

difusão de narrativas sonoras, imagéticas e audiovisuais



IPHAN

# PAISAGENS CAIÇARAS

difusão de narrativas sonoras, imagéticas e audiovisuais

Organização: Lia Mity Ono e Ronaldo Corrêa

**paisagenscaicaras.wordpress.com**

Exposição fruto da parceria interinstitucional entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR), a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no Paraná e as Comunidades detentoras do Fandango Caiçara no litoral brasileiro

**Curitiba - Iphan - 2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do IPHAN-PR

P149

Paisagens caiçaras : difusão de narrativas sonoras, imagéticas e audiovisuais / Organização: Lia Mity Ono e Ronaldo Corrêa. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Curitiba, PR : IPHAN, 2021.
59 p. : il. color..

Modo de acesso : www.gov.br/iphan/pt-br
ISBN : 978-65-86514-38-4

1. Paisagem cultural. 2. Fandango caiçara. 3. Patrimônio cultural.

CDD 363.69

Elaborado por: Joana Coradi – CRB-9/1694

**Presidente da República do Brasil**
Jair Bolsonaro

**Ministro do Turismo**
Gilson Machado neto

**Secretário Especial da Cultura**
Mário Luís Frias

**Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**
Larissa Peixoto

**Diretores do Iphan**
Arlindo Pires Lopes
Arthur Lázaro Laudano Bregunci
Leonardo Barreto de Oliveira
Raphael João Hallack Fabrino
Tassos Lycurgo

**Superintendente do Iphan no Paraná**
Rosina Coeli Alice Parchen

**Setor de Difusão e Educação Patrimonial**
Lia Mity Ono (Técnica)

**Setor de Patrimônio Imaterial**
Juliano Martins Doberstein
Marcelo Gruman
Rafael Antônio Motta Boeing
(Técnicos)

# EXPOSIÇÃO PAISAGENS CAIÇARAS

**Organização & Curadoria**
Ary Giordani
Lia Mity Ono
José Carlos Muniz
Juarez Bergmann Filho
Juliano Martins Doberstein
Marcelo Gruman
Rafael Antônio Motta Boeing
Ronaldo Corrêa

**Consultoria**
Viviane Vedana

**Assistência de Produção**
Luiz Henrique Tovar

**Projeto Gráfico**
Manoela Leão

**Assessoria de Comunicação**
Juliana Brascher

**Webdesigner**
Nilberto Júnior

**Colaboradores**
Aline Pontes Barbosa
André Alves
Antonia Regina Moura
Ariana Leal Prestes
Aurélio Rufo
Carla Beatriz Franco Ruschmann
Carlos Henrique Leite
Carlos Mendes
Carolina Bee Araujo
Cia de Teatro de Bonecos La Polilla
Cintia Bendazzoli
Claudia Maria Viana Barreto
Cristina Schimidh
Elizangela Sarraf
Etiene Flor
Flavio Rogerio Rocha
Geslline Giovana Braga
Henrique Luís Almeida
Ivan Ivanovick
Isabel Taliberti Galvanese
Janelize Nascimento Felisbino
Juliana Camargo Macedo
Laís Pinheiro
Lauro Borges
Lizangela Pinto Siqueira
Marcela Cristina Bettega
Marcio RM
Maria Angélica de Moura Miranda
Marília Kubota
Neide da Rocha Palumbo
Nicia Guerriero
Paulo Trindade Alberton
Rogério Soares
Rodolfo Vidal
Sueli Aparecida Antunes da Silva
Vagner Pereira Gonçalves
Yasmin Alves Gonçalves

**Contatos**
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br

Superintendência do Iphan no Paraná
iphan-pr@iphan.gov.br
Telefone: (41) 3218-7000

Projeto Paisagens Caiçaras
paisagenscaicaras@gmail.com

# SUMÁRIO


**10 — APRESENTAÇÃO**
*Larissa Peixoto*
*Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*

**12 — O FANDANGO E A PAISAGEM CULTURAL CAIÇARA**
*Juliano Martins Doberstein, Marcelo Gruman e Rafael Boeing*
*Superintendência do Iphan no Paraná*

**16 — IMAGENS E SONS: PAISAGENS QUE RESISTEM**
*Ary Giordani e Juarez Bergmann Filho*
*Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

**18 — NARRATIVAS AUDIOVISUAIS COMO EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO COM AS PAISAGENS CAIÇARAS**
*Viviane Vedana*
*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

**20 — OS CAIÇARAS SÃO MAIS RELATIVOS A *ÁGUAS* OU A *TERRAS*?**
*Lia Mity Ono*
*Superintendência do Iphan no Paraná*

**24 — UM *CLICK* É APENAS UM OLHAR SOBRE A CULTURA CAIÇARA**
*José Carlos Muniz*
*Grupo Canutilho Temperado de Fandango Caiçara*


## NARRATIVAS IMAGÉTICAS E TEXTUAIS


**26 — ILHA DOS VALADARES – DA PONTE PRA CÁ**
*Aline Pontes Barbosa*

**27 — FRAGMENTOS VISUAIS**
*André Alves*

**28 — TOMEI UM TEMPO**
*Antonia Moura*

**30 — PARATY - NATUREZA EM ARTE**
*Ariana Leal Prestes*

**31 — PAISAGENS CAIÇARAS DE ILHABELA**
*Aurélio Rufo*

**32 — EXPEDIÇÃO 2007**
*Carla Beatriz Franco Ruschmann*

**33 — OLHARES CAIÇARAS**
*Carlos Mendes*

**33 — CASA CAIÇARA, BARRA GRANDE. PARATY, 2020**
*Carlos Henrique Leite*

**34 — VIVÊNCIAS ESTUARINAS**
*Carolina Bee Araújo*

**35 — MANGUEZAVES**
*Carolina Bee Araújo*

**36 — ARQUIPÉLAGO CAIÇARA**
*Cintia Bendazzoli*

**36 — ESPELHO**
*Claudia Maria Viana Barreto*

**37 — ANTONINA/PR**
*Cristina Schimidh*

**38 — ARTESÃOS E ARTESANIAS**
*Flávio Rocha*

**39 — GUARÁ SOL CAIXETA**
*Etiene Flor*

**40 — O TOQUE DA LUZ**
*Geslline Giovana Braga*

**41 — PROCISSÃO DE SÃO PEDRO**
*Henrique Luís Almeida*

**42 — FOTOGRAFIAS DO FANDANGO CAIÇARA**
*Ivanovik*

**43 — PESCADORES DO GRANDE MAR REDONDO**
*Janelize Nascimento Felisbino*

**44 — VIDAS AO MAR**
*Juliana Camargo Macedo*

**46 — LITORAL DO PARANÁ**
*Laís Pinheiro*

**47 — CLICKES NO LITORAL**
*Lizangela Pinto Siqueira*

**48 — CORPO DE SONHO**
*Marcela Béttega*

**49 — ENSAIO CAIÇARA**
*Márcio RM*

**50 — BICICLETAS CAIÇARAS**
*Marília Kubota & Lauro Borges*

**52 — CORES CAIÇARAS**
*Nicia Guerriero*

**54 — PAISAGENS TRADICIONAIS**
*Sueli Aparecida Antunes da Silva*

**55 — CANOAS CAIÇARAS**
*Vagner Pereira Gonçalves*

**55 — O OLHAR CAIÇARA**
*Yasmin Alves Gonçalves*

**56 — MULHER NA PESCA**
*Maria Angélica de Moura Miranda*


## NARRATIVAS SONORAS E AUDIOVISUAIS


**57 — BOAS VINDAS**
*(2021, cor, 7 min.)*

**58 — PEIXE MORTO**
*(2020, cor, 16 min.)*

**58 — FISCAL DO IBAMA**
*(2020, cor, 3 min.)*

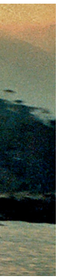
**59 — VERSA, ELA**
*(2019, cor, 5 min.)*

**59 — GUAPURUVU - PROJETO VIOLA CAIÇARA**

# APRESENTAÇÃO

**Larissa Peixoto**

*Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*



Há 84 anos o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) cumpre a nobre missão de ser guardião do Patrimônio Cultural brasileiro. Em um país marcado pela pluralidade de tradições e pela diversidade de matrizes culturais, cuidar do Patrimônio significa trabalhar todos os dias com a principal riqueza de um povo.

Para que essa missão se concretize é preciso aliar o conhecimento técnico com o diálogo sem barreiras com a sociedade. Apenas quando o cidadão se sente representado, o órgão cumpre plenamente suas funções e entra em sintonia com os anseios da população. Apresentamos aqui uma dessas experiências construídas coletivamente com o apoio da sociedade com intuito de mostrar as práticas culturais, o território e as memórias dos diferentes coletivos caiçaras que habitam o Brasil.

O termo "caiçara" costuma ser aplicado às comunidades, práticas, lugares e demais elementos da cultura, meio ambiente e sociedade encontrados no território que se estende desde o litoral sul do estado do Rio de Janeiro até a costa norte de Santa Catarina. O projeto **Paisagens Caiçaras - Difusão de Narrativas Sonoras Imagéticas e Audiovisuais** é fruto de um trabalho colaborativo que apresenta as referências culturais dessas comunidades, por meio de textos, fotografias, ilustrações, músicas e sons, depoimentos e vídeos, mostrando um universo de representações em constante movimento.

Este projeto foi criado a partir da articulação entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Iphan, e se associa ao trabalho institucional de salvaguarda do Fandango Caiçara, forma de expressão registrada como Patrimônio Cultural do Brasil desde 2012.

Neste catálogo reunimos parte do material enviado pelos participantes, uma pequena mostra de olhares sobre a paisagem cultural, de diferentes pontos de vista e lugares de fala, o que é visto de dentro ou de fora. São múltiplas interpretações de um território que vai além do mapa e de suas fronteiras. A tradição continua viva e o Iphan se orgulha em partilhar com a população um material e um processo de criação tão rico que potencializa o alcance de sua cultura como também as formas de reconhecimento e preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.



# O FANDANGO E A PAISAGEM CULTURAL CAIÇARA

**Juliano Martins Doberstein, Marcelo Gruman e Rafael Boeing**

*Superintendência do Iphan no Paraná*

O Fandango Caiçara foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil em 2012, quando foi inscrito no Livro de Registro das Formas de Expressão, com base no Decreto federal nº 3.551/2000. Enquanto forma de expressão diretamente vinculada a comunidades tradicionais que ocupam o litoral sul e sudeste do Brasil, a salvaguarda do Fandango Caiçara mobiliza não apenas o debate em torno da transmissão de saberes associados à sua musicalidade, coreografia e poética, mas também ao contexto cultural e ambiental mais amplo de manutenção dos modos de vida tradicionais das comunidades caiçaras.

Nos bailes de fandango participam grupos musicais e de dança, nos quais instrumentos artesanais, como a rabeca e o adufe, juntamente com as "marcas" dos tamancos no tablado, conformam uma complexidade musical com modas, melodias, danças e coreografias que se atualizam continuamente, fazendo desta forma de expressão uma tradição cultural viva. Tradicionalmente, a realização de fandangos ou bailes de fandango sempre esteve vinculada à organização de trabalhos coletivos – mutirões, puxirões ou pixiruns – nos roçados, nas colheitas, nas puxadas de rede ou na construção de benfeitorias. Nessas ocasiões, o organizador oferecia, como retribuição aos ajudantes voluntários da comunidade, uma espécie de baile com comida farta. Para além dos mutirões, o fandango era a principal diversão e momento de socialização dessas comunidades, estando presente em diversas festas religiosas, batizados, casamentos e, especialmente, no carnaval, em que se comemoravam os quatro dias ao som dos instrumentos do fandango.

Atualmente, é cada vez mais rara a realização de mutirões. Com o avanço da especulação imobiliária e a transformação de grandes áreas da região em unidades de conservação ambiental e ecológica, inúmeras comunidades tradicionais foram obrigadas a migrar para outras regiões, desarticulando importantes núcleos organizadores



de fandangos. O contexto da salvaguarda desse bem cultural tem proporcionado o fortalecimento de práticas culturais que lhe são associadas, como o apoio à realização de bailes em eventos nas localidades onde foi identificada a ocorrência dessa prática cultural; o apoio a iniciativas locais de transmissão de saberes relacionados à produção artesanal de instrumentos; a realização de ações de valorização de mestres fandangueiros e de apoio à formação de músicos e de grupos de dança entre jovens e crianças, principalmente por meio de vivências nos bailes e junto aos mestres. As diversas parcerias locais para realização de atividades de salvaguarda conformam uma rede de preservação que possibilita maior ou menor ocorrência de ações locais de acordo com as condições conjunturais de atuação do Iphan com esses parceiros (municipalidades, associações, coletivos, etc.).

Simultaneamente, o plano de salvaguarda do Fandango Caiçara vem sendo debatido por um coletivo formado por dezesseis representantes de seis municípios litorâneos, escolhidos de forma direta pelos próprios fandangueiros, articulado ao movimento histórico mais amplo de preservação dos modos de vida tradicionais das comunidades caiçaras nos territórios e paisagens secularmente habitados e vivenciados por elas.

Muito recentemente, no Brasil, a paisagem cultural apareceu como uma nova categoria para a preservação do patrimônio cultural. No que diz respeito às propostas institucionais para a proteção das paisagens culturais, é no interior da Unesco, em 1992, que a paisagem cultural é criada como uma categoria específica do patrimônio cultural.





Já no Brasil, ela foi incorporada como nova categoria de patrimônio cultural pela Portaria nº. 127 de 2009, do Iphan, a mesma que instituiu um novo instrumento jurídico para sua proteção, denominado de chancela.

Um elemento comum às experiências nos diversos âmbitos institucionais diz respeito à definição do que vem a ser a paisagem cultural. Inicialmente o que a define é a sua escala de abrangência: a paisagem cultural diz respeito à determinada porção espacial ou recorte territorial. A paisagem cultural é entendida, assim, sempre como conjunto espacial composto de elementos materiais construídos associados a determinadas morfologias e dinâmicas naturais, formas estas que se vinculam a conteúdos e significados dados socialmente.

O recorte espacial é estabelecido a partir de uma condição peculiar e representativa de determinadas relações estabelecidas entre os grupos sociais com a natureza. Ou seja, do ponto de vista da preservação, o que identifica as paisagens culturais a serem protegidas é o caráter peculiar dessa relação tecida ao longo do tempo e que se revela a partir das formas específicas de uso e apropriação da natureza pelo trabalho humano. Essas relações podem tanto materializar-se na sua morfologia, como podem ser explicitadas por meio de valores que lhe são atribuídos socialmente.

O enfoque da paisagem cultural permite, assim, superar um tratamento compartimentado entre o patrimônio natural e cultural, mas também entre o material e imaterial, entendendo-os como um conjunto único, um todo vivo e dinâmico. Permite compreender as práticas culturais em estreita interdependência com as materialidades produzidas e com as formas e dinâmicas da natureza.

Pensar o Fandango Caiçara sob a perspectiva que nos é oferecida pela categoria de paisagem cultural é considerar que essa forma de expressão está intrinsicamente vinculada a um território e às diversas esferas da vida cotidiana da população que o habita: a pesca artesanal, a navegação em canoas, a construção em madeiras, o cultivo de roças, as procissões marítimas, os encontros em festas, mutirões, romarias, entre outras atividades sociais, religiosas, de trabalho e de lazer, que se realizam no mar, nas praias, nos mangues. Evita-se, assim, um enquadramento do patrimônio imaterial como fenômeno isolado, descolado do ambiente natural e material que envolve os seus detentores e que é também formado e conservado por estas comunidades. A salvaguarda desse bem registrado demanda que voltemos o olhar não apenas para as modas, as coreografias e os instrumentos em si próprios, mas para tudo o que está ao seu redor e que nos fala sobre a relação tão singular que cada comunidade caiçara vem desenvolvendo, histórica e socialmente, com os ecossistemas do litoral sul e sudeste brasileiro.



**Textos Adaptados de:**


INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Saberes, fazeres, gingas e celebrações: ações para a salvaguarda de bens registrados como patrimônio cultural do Brasil 2002-2018.** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil); coordenação de edição de Rívia Ryker Bandeira de Alencar. Brasília: Iphan, 2018.

SCIFONI, Simone. Paisagem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário Iphan de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: Iphan/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4. Disponível no portal eletrônico do Iphan: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/82>, acessado em 04 de maio de 2021.

# IMAGENS E SONS: PAISAGENS QUE RESISTEM

**Ary Giordani e Juarez Bergmann Filho**

*Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Como nos mutirões, o projeto Paisagens Caiçaras foi construído a muitas mãos, envolvendo detentores de bens imateriais, pesquisadores, técnicos e instituições no intuito de dar vazão as potencialidades imagéticas e sonoras do vasto território caiçara, das nuances presentes nas cores, nos sons e movimentos que historicamente rompem a contemporaneidade firmando e reinventando processos de sociabilidade frente às adversidades e lutas constantes em defesa do território e da cultura ancestral dessas populações.

Na presente etapa de seleção, foram recebidos 340 trabalhos, de 38 colaboradores, em diálogo com a galeria já existente no site do projeto, selecionados e adequados ao recorte cultural e territorial proposto pela comissão de curadoria. A interação do caiçara com o meio onde habita foi uma das premissas do processo curatorial, suas marcas, tecnologias e modos de vida, luta por território e resiliência de uma população que habita santuários naturais, regiões metropolitanas e também centros urbanos num território que se estende do litoral sul fluminense ao litoral norte de Santa Catarina.

As cores, as texturas e os sons nos apresentam narrativas imersivas onde a maritimidade e a musicalidade sobrepõe o ancestral e o hodierno num *continuum* dinâmico para manutenção da identidade caiçara frente aos desafios da contemporaneidade.

As imagens aqui apresentadas, representam exemplos de fragmentos visuais do modo de ser caiçara. Fotos e desenhos narram parte de trajetórias de vida que se encontram em comunidade. Pessoas, lugares e práticas são registrados a partir do olhar atento e preocupado com o universo caiçara. A natureza, o mar, a pesca, a dança, a música e o trabalho compõem um cenário que mostra um pouco das pessoas que compartilham modos e maneiras de estar no mundo.

Também composta por sons, nossas paisagens conformam formas e sentidos, texturas, volumes, gostos, cheiros e cores. Os sons e as cores do cotidiano e do modo de viver caiçara se fundem e confundem em uma mistura heterogênea de sentidos e intencionalidades. Ao ouvir um serrote, cortando uma peça de caxeta, disparam-se sentidos de território e pertencimento, da umidade do mangue onde brota a madeira às técnicas seculares da manufatura de instrumentos musicais, canoas e artefatos de usos múltiplos.

Sons e imagens que nos remetem a experiências sensoriais, onde sentimos o cheiro da serragem da madeira nos ateliês de construção dos instrumentos musicais, violas, rabecas, adufes, machetes e tambores que animam o Fandango Caiçara, as Folias do Divino Espírito Santo e os autos de Boi de Mamão. As batidas do martelo se transformam, do cerne da laranjeira, e da madeira emergem as batidas do tamanco. As vozes das conversas, em peculiares dialetos de musicalidade ímpar, convergem em melodias nos bailes das comunidades. A dança se desenrola no ritmo da batida dos mestres caiçaras em diálogo com o toque do adufes e do movimento das marés.



O vento, o mar, a labuta diária e a insurgência em busca de dias melhores se tornam versos, rimas e movimentos que transbordam nas melodias produzidas pelas rabecas, ou cantados ao som da viola. Tais paisagens englobam sons, ritmos, movimentos, trabalho, alegria e resistência, onde imagens e sons testemunham a vida.

# NARRATIVAS AUDIOVISUAIS COMO EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO COM AS PAISAGENS CAIÇARAS

**Viviane Vedana**

*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

A elaboração das paisagens audiovisuais do projeto **Paisagens Caiçaras** se inspira na diversidade dos modos de fazer e de ser que compõem os coletivos caiçaras do litoral brasileiro. Esta inspiração é resultado de um longo processo de imersão nas imagens visuais, sonoras e textuais que o projeto recebeu de colaboradores diversos que compartilharam seus olhares, escutas e perspectivas sobre estas paisagens através de fotografias, vídeos, textos, músicas, desenhos e sonoridades de ambiências locais. No decorrer das reuniões da equipe de curadoria, analisamos cuidadosamente as imagens, com atenção aos sentidos e presenças que evocavam, com o intuito de aprender com as imagens sobre quais histórias poderíamos contar. Privilegiamos na seleção das imagens, aquelas que nos contavam sobre as pessoas e seus modos de fazer, sobre os artefatos e suas relações com modos de existência dos coletivos caiçaras, sobre os engajamentos de gestos e práticas com o ambiente. Ponderamos a importância de apresentar nestas paisagens audiovisuais a densidade da memória coletiva destes grupos, bem como a complexidade das experiências cotidianas que fazem acontecer as paisagens caiçaras.

Na concepção destas paisagens audiovisuais a preocupação fundamental foi reconhecer a diversidade destas formas de vida, recusando certa linearidade narrativa que poderia fixar as pessoas e seus lugares em temporalidades ou especialidades limitadas. Neste sentido, o desafio destas paisagens audiovisuais é evocar estas presenças caiçaras da água, dos encontros, dos artefatos, da música, das festas, da religiosidade, dos gestos, dos sons, da pesca, enfim, dos modos específicos de ocupar o litoral brasileiro que estas comunidades nos apresentam. Pensamos a paisagem como acontecimento, ou seja, como um desdobramento das práticas cotidianas das pessoas na relação com os ambientes que habitam. Mais do que uma paisagem idílica, concebida como apartada das pessoas, uma "vista" que é possível admirar ao longe, a ideia de paisagem que nos inspira é a da paisagem vivida, refeita a cada dia. Pensamos a paisagem como um processo, pois ela é habitada pelas pessoas, ao mesmo tempo em que também vive e habita em cada um. Para fazer jus a este habitar, optamos por compor "misturas". Como diz Marcel Mauss, "misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas" (MAUSS, 2003:212) e assim se tece o social, nas trocas e nos encontros. Dessa forma, combinamos fotografias, vídeos e sonoridades de origens diferentes para tentar uma aproximação com as ambiências caiçaras e propor uma imersão nestas paisagens. Com estas paisagens audiovisuais pretendemos promover experiências sensoriais que capturem aqueles que com elas tiverem contato. Esperamos que as paisagens audiovisuais deste projeto possam reverberar em outras histórias e narrativas, desdobrando as possibilidades de descoberta das paisagens caiçaras.



**Referências**

MAUSS, Marcel – 1923[2003]. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac&Naify.

# OS CAIÇARAS SÃO MAIS RELATIVOS A *ÁGUAS* OU A *TERRAS*?

**Lia Mity Ono**

*Superintendência do Iphan no Paraná*

O trabalho de Educação Patrimonial iniciou-se nas reuniões da equipe de curadoria, composta por pessoas de diferentes formações. Ao abordar o tema das **Paisagens Caiçaras** por variados lados, os encontros transformaram-se em frutíferos debates sobre o que se via nos materiais enviados pelos colaboradores e daquilo que não estava representado, mas que nos parecia fundamental: a presença de mestres fandangueiros ou de comunidades indígenas. O grupo dialogou, trocou impressões e teceu finas relações, a partir de seus próprios referenciais, em tentativas de imersão e de tradução dos conteúdos com o propósito de criar narrativas. Os materiais não selecionados são, na sua maior parte, imagens da belíssima paisagem natural da região. E por que ficaram de fora? São fotografias que não nos conectam com as pessoas do lugar. Por esse motivo, buscamos materiais que construíssem narrativas que nos levassem a compreender mais sobre o território caiçara, muito maior que do que cabe em um mapa, e sobre a interação do homem com o meio.

Ao longo dos encontros, percebemos que era preciso fazer um recorte, ancorar algumas ideias. E chegamos, sem plano de navegação, aos modos de ser, viver e estar no território caiçara. Tínhamos, dessa forma, um tema gerador que imantava os outros assuntos, as outras histórias que queríamos compartilhar, como um acorde musical e seus harmônicos - proposição de uma metáfora sonora para esta paisagem tão vasta.

Os modos de vida tradicionais frequentemente são prejudicados por leis que impedem a continuidade de sua existência no território. Muitas comunidades habitam áreas de proteção ambiental, unidades de conservação, reservas ecológicas e parques nacionais. A caça,



o roçado e o extrativismo, mesmo que para a subsistência, são criminalizados. Um exemplo desse desajuste é apresentado na série de filmes de animação do Coletivo Treboada. Entre eles, o curta-metragem **Fiscal do Ibama** (dir. Paulo Alberton, 2020) aborda com muito humor e delicadeza a perseguição dos órgãos ambientais a quem insiste em caçar e comer animais silvestres. A saída para o imbróglio é jocosa,  bem à maneira caiçara. A contação dos causos pela professora Neide Palumbo reproduz um linguajar específico do litoral norte de São Paulo, e podemos elencar outros lugares - Ilha do Mel (PR), Ilha dos Valadares (PR) - onde também há distintos falares.

A preservação da fabulosa biodiversidade presente no litoral, nos lagamares, estuários, ilhas, restingas, matas e manguezais está sintetizada em duas ilustrações, de Etiene Flor e Carolina Bee Araújo. Representam o Guará-vermelho, ave típica do litoral ameaçada de extinção. E na música **Guapuruvu** (Rodolfo Vidal, 2013), que evoca a árvore usada na construção de canoas. Será que as crianças e jovens caiçaras sabem os nomes dos bichos e plantas encontradas ao seu redor? Sabem identificar um bagre ou um xarelete?

Outro ponto de diálogo entre os materiais é a série **Artesãos e Artesanias**, do fotógrafo Flávio Rocha, sobre o ofício de lutier. A matéria-prima tradicional para a construção de instrumentos tocados no Fandango Caiçara é a caxeta. A árvore de madeira leve e macia, fácil de escavar, aplainar e entalhar, e por isso de bom aproveitamento na confecção de instrumentos e artesanatos, tem seu corte proibido por ser uma espécie nativa da Mata Atlântica. Para a extração da caxeta e a continuidade da tradição é necessária a elaboração de um plano de manejo para a conservação da floresta. Há de se encontrar maneiras de preservação do patrimônio natural e cultural de forma integrada, garantindo os direitos das comunidades ao território que lhes pertence.

Para a continuidade do fandango caiçara, os cantos, as marcas, as danças devem ser ensinados e transmitidos às gerações futuras. E as celebrações também entram nessa mesma dinâmica, simbolizada, por exemplo, na procissão marítima de São Pedro, padroeiro dos pescadores, retratada por Henrique Luís Almeida. A devoção aos santos e as festas populares são emolduradas por Cintia Bendazzoli. O baile de fandango é traduzido por Ivanovick, em cores, tamancos, na roda e nos movimentos. O filme **Versa, Ela** (dir. Antonia Moura,2019) explora ainda a questão de





gênero no fandango e traz para o centro da cena as mulheres fandangueiras que, para além da dança, são mestras que cantam versos e tocam viola. Que espaços e quais papéis ocupam a mulher caiçara hoje? Na crônica de Maria Angélica de Moura Miranda, há igualmente espaço para a **Mulher na Pesca**.

A pesca artesanal é um tema maior que agita o imaginário desse universo caiçara. As canoas fazem parte da rotina, difícil suprimi-las da paisagem! Elas geram uma atração incontrolável, pelo colorido das embarcações, capturado nas fotografias de Aurélio Rufo, Claudia Maria Viana Barreto e Lizangela Pinto Siqueira. Pelo traçado e rastro que deixam na areia, como visto por Cristina Schimidh. Por sua forma, expressa no saber antigo de se fazer uma canoa escavada em um pau só, num único tronco de árvore, observado por Marcio RM. Ou pelo sentido de desbravamento do grande mar redondo, como exposto por Janelize Nascimento Felisbino. A canoa do pescador diante da instalação portuária de escala colossal, no litoral do Paraná, também coloca em diálogo os trabalhos que refletem sobre um embate de forças e modos de estar no mundo bastante antagônicos, ideia que reverbera na peça **Peixe Morto** (dir. Rogério Soares, 2020), da Cia de Teatro de Bonecos La Polilla. Em **Vidas ao Mar**, Juliana Camargo Macedo retrata a lida, as ferramentas e a relação estreita entre os pescadores e os ecossistemas costeiros e marinhos. Vagner Pereira Gonçalves flagra o cardume na rede. As redes, outro elemento estruturante dessa relação do homem com o mar, não escapam ao olhar de André Alves, em **Fragmentos Visuais.**

As cenas do cotidiano que integram a exposição nos aproximam das pessoas do lugar. A sociabilidade caiçara está presente no trabalho de Ariana Leal Prestes. As brincadeiras e o lazer são temas explorados por Laís Pinheiro, Carolina Bee Araújo e Yasmin Alves Gonçalves. No depoimento de Maria Angélica, ouvimos as histórias dos mutirões para a construção de moradia dos compadres. As casas caiçaras apresentadas por Aline Pontes Barbosa, Carlos Henrique Leite, Carlos Mendes, Antonia R. Moura Leite, Geslline Giovana Braga e Sueli Aparecida Antunes da Silva, são humildes, feitas de madeira ou de taipa. De dia, deixam passar a luz do sol, exalam fumaças do fogo à lenha que, de noite, servem até para espantar mosquitos. Tão singelas, essas moradas caiçaras são muito diferentes dos sobrados da rua da praia. As ruínas dos antigos edifícios viram árvores, pouso para passarinhos e pombos. **Em Corpo do Sonho**, Marcela Bettega percorre as ruas para mostrar o abandono do patrimônio que conta parte da história da cidade. Como fazer para que as pessoas se identifiquem com paredes, pedras, calçadas, portas e janelas?

Uma casa de farinha é fotografada por Carla Beatriz Franco Ruschmann e, assim, atentamos para a dieta caiçara. A mandioca é um dos alimentos essenciais dessa cultura. O costume de comer farinha e beiju é uma herança dos indígenas que, finalmente, de soslaio entram nessa história.

Observamos antigos costumes, de um tempo não eletrificado, em fotografias levemente granuladas do álbum **Cores Caiçaras**, de Nicia Guerriero. Os peixes salgados que secam ao sol formam uma paisagem onírica. São peixes-roupas, dependurados no varal. Esse jogo de transmutações surrealistas é brincado nos versos das **Bicicletas Caiçaras**, de Marília Kubota: “Que sonham as bicicletas à espera de condutores? (...) Guidão em guelras, dos quadros brotam barbatanas.” São peixes? São anfíbios?

Com o que sonham os caiçaras?

# UM *CLICK* É APENAS UM OLHAR SOBRE A CULTURA CAIÇARA

**José Carlos Muniz**

*Grupo Canutilho Temperado de Fandango Caiçara*

Paisagem Caiçara. De temática um tanto sugestiva, fiquei pensando o que deve ser exposto, ou melhor, o que se consegue mostrar em uma imagem ou outra sobre os Caiçaras. O que será que o público em geral espera ver sobre a cultura do povo caiçara?

São questionamentos possíveis de diversos entendimentos, aos quais para alguns ainda procuro respostas, mas numa rápida reflexão sobre o que é uma 'paisagem', penso naquilo que o nosso olhar alcança.

Certamente poderíamos rever o conceito, acrescentando acerca das definições sobre o termo, uma vez que o olhar pode alcançar tanto a natureza, em sua forma propriamente dita, quanto a um produto da ação humana; ainda penso naquele olhar que não consegue enxergar as riquezas culturais que o cercam. Portanto, as paisagens caiçaras têm sido retratadas com quais tipos de olhares?

Nosso território abriga os últimos remanescentes de biomas e em sua rica biodiversidade se encontram espécies como a Onça Pintada (**Panthera onca**), o Papagaio-de-Cara-Roxa (**Amazona brasiliensis**), o Mico-Leão-da-Cara-Preta (**Leontopithecus caissara**), outras raras e endêmicas coabitando com o Caiçara, numa interação homem-natureza que ultrapassa os séculos.

Sem dúvidas, o nascer do sol seria uma das imagens representativas de tamanha exuberância e, se captado os seus primeiros raios quando tocam o nosso estado paranaense, refletido no mar de Ararapira, são por excelência magníficos, mais ainda quando os Guarás (**Eudocimus ruber**) cortam o horizonte, pintando o céu com seu vermelho-rubro, eis que denotam a beleza natural deste cenário, suas verdes matas e a tonalidade azul do mar. Merecido registro da paisagem caiçara.

Porém, não menos esplendoroso, parecendo transcender, é Seu Anísio Pereira, sentado ao pé-do-fogo tocando uma Chimarrita na rabeca que confeccionara em Caxeta (**Tabebuia cassinoides**), sinônimo de quão integrada é a cultura e a natureza. E se fosse captada a imagem da entendida Dona Genésia Cunha colhendo alguns remédios do mato utilizados no benzimento? Seria representativo também das nossas paisagens caiçaras?

Apresenta-se aqui um imperativo questionamento: A paisagem não é apenas aquilo que o olhar alcança. É possível então registrar o que nosso olhar não enxerga? Me vem à memória o Fandango Caiçara, amplamente registrado nos últimos anos, patrimônio cultural reconhecido que é, portanto, representante de nossa cultura. Mas como registrar, para além da memória, as tardes frias e chuvosas em que, não podendo sair para pescar, papai se debruçava na janela de casa, com sua violinha ao peito e, depois de temperada esta, ficava por horas a cantarolar modas que pareciam 'brotar' de sua memória, relembrando os tempos de Fandango no sítio.

Não. Parece-me que a paisagem caiçara não se pode registrar apenas num click. Talvez nem mesmo se consiga imprimi-la e mostrá-la, pois é captada na vivência, onde o homem e a natureza a reconstroem em seu dia-a-dia, utilizando-se da máquina 'memória' e assim se aprende a entender e respeitar o que se vê, cada singularidade, reconhecendo-as envoltas numa gama de valores culturais.

O pôr-do-sol, portanto, ou o boto (**Sotalia guianensis**) saltando, os barrancos que a maré todo dia engole, o pescador acuado pela proibição de sua prática e mesmo assim confeccionando o seu cerco, a mulher caiçara e as crianças a desmariscar o sururu ou a fervura do lambe-lambe na panela, o temido rebojo ou o Garoçá (**Ocypode**) deixando seus rastros pela praia, o fabriqueiro utilizando o alegre na confecção da viola cavoucada, ou o picomá acumulado na cobertura de Guaricana (**Geonoma schottiana**) de uma farinheira qualquer, parecem-me ser todas Paisagens Caiçaras.

Captadas na memória ou por diferentes ângulos e cores, qual cena das Paisagens Caiçaras você quer ver? Algumas são possíveis em apenas um *click*; outras é preciso conhecer e entender, viver.

As paisagens se sobrepõem uma à outra, natureza e cultura, mas a escolha do 'olhar' é sua.





"quero dar a despedia, despedida quero dar, não há machado que corte, a raiz do meu cantar"

(pé de moda do Fandango Caiçara)

# ILHA DOS VALADARES – DA PONTE PRA CÁ

*Aline Pontes Barbosa*









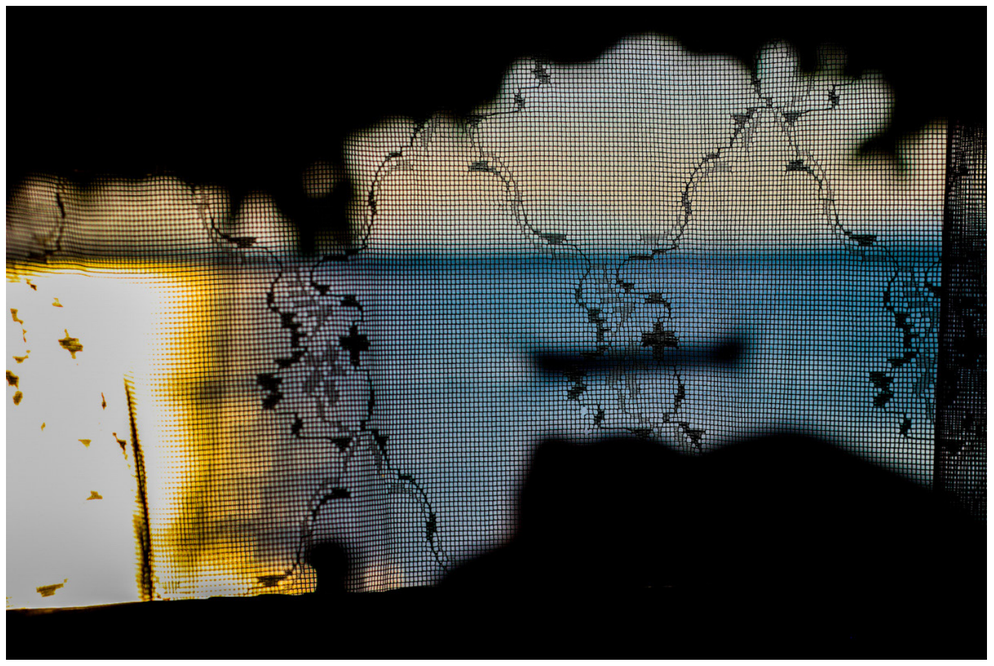
# FRAGMENTOS VISUAIS

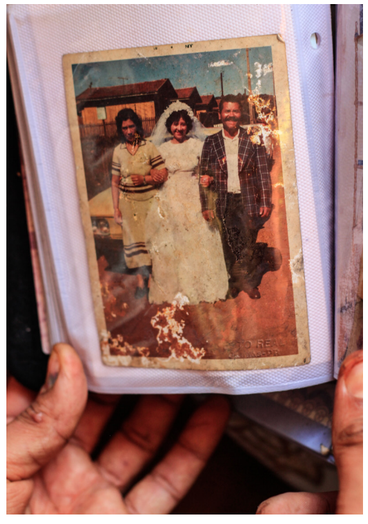
*André Alves*













# TOMEI UM TEMPO

*Antonia Moura*

## PARATY - NATUREZA EM ARTE

*Ariana Leal Prestes*







## PAISAGENS CAIÇARAS DE ILHABELA

*Aurélio Rufo*







## EXPEDIÇÃO 2007

*Carla Beatriz Franco Ruschmann*

## OLHARES CAIÇARAS

*Carlos Mendes*







## CASA CAIÇARA, BARRA GRANDE. PARATY, 2020.

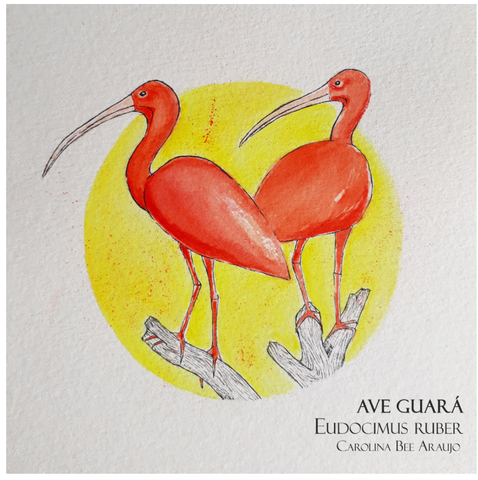
*Carlos Henrique Leite*

## VIVÊNCIAS ESTUARINAS

*Carolina Bee Araújo*








## MANGUEZAVES

*Carolina Bee Araújo*

## ARQUIPÉLAGO CAIÇARA

*Cintia Bendazzoli*





## ESPELHO

*Claudia Maria Viana Barreto*



## ANTONINA/PR

*Cristina Schimidh*

## ARTESÃOS E ARTESANIAS

*Flávio Rocha*












## GUARÁ SOL CAIXETA

*Etiene Flor*





## O TOQUE DA LUZ

*Geslline Giovana Braga*



## PROCISSÃO DE SÃO PEDRO

*Henrique Luís Almeida*







## FOTOGRAFIAS DO FANDANGO CAIÇARA

*Ivanovik*





## PESCADORES DO GRANDE MAR REDONDO

*Janelize Nascimento Felisbino*



# VIDAS AO MAR

*Juliana Camargo Macedo*









## LITORAL DO PARANÁ

*Laís Pinheiro*



## CLICKES NO LITORAL

*Lizangela Pinto Siqueira*





## CORPO DE SONHO

*Marcela Béttega*





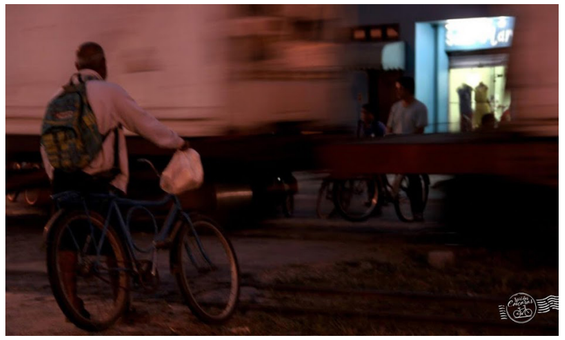
## ENSAIO CAIÇARA

*Márcio RM*

# BICICLETAS CAIÇARAS

*Marília Kubota & Lauro Borges*






**(Sem título)**

Que sonham as bicicletas
à espera de condutores?
Um dia afogarão no mar,
guidão em guelras
dos quadros brotam barbatanas
anfíbias
mergulham no fundo oceano
A bicicleta que dorme
na porta da mercearia,
a do padeiro,
a do peão da fábrica,
a de Júlia da Costa,
a de Brasílio Itiberê,
todas afogadas em sono.

**Valadares**

Navegam em duas rodas os caboclos do mar.
Livres de medos e modas, firmes no pedalar.
Velho, mulher, criança, velozes ou devagar.
Todos entram na dança, sentindo sol, vento e ar.
Em cima da magrela carregam seu mundo:
sacola, máquina, panela, botas de Pedro Segundo.
A paisagem é como o mar, um mergulho no sonho,
uns olhos a passear, e um tanto de barulho.

# CORES CAIÇARAS

*Nicia Guerriero*









## PAISAGENS TRADICIONAIS

*Sueli Aparecida Antunes da Silva*





## CANOAS CAIÇARAS

*Vagner Pereira Gonçalves*

## O OLHAR CAIÇARA

*Yasmin Alves Gonçalves*



# MULHER NA PESCA

*Maria Angélica de Moura Miranda*

Algumas vezes escutei meu avô falar pra minha avó: Enche uma garrafa de café e manda a Maria levar lá no rancho à tardinha! Minha avó respondia: Rancho de pesca não é lugar de menina! Que pena vó, que você não conheceu a Jandira da Enseada (São Sebastião), a Ditinha de Búzios (Ilhabela), e tantas outras, que não ficaram limpando o peixe e salgando, partiram para o mar. A mulher subiu na canoa segundo o pasquim do Pombo Branco em 1948: "Nessa minha poca idade, tenho visto coisa boa, moça pobre vesti seda mulher remá na canoa" Elas começaram a remar para pegar as coisas que haviam nos naufrágios de navios, objetos que para os homens não tinham valor, mas que para elas interessavam: peças de tecidos, santinhas, pentes, espelhos, máquina de costura e uma infinidade de utensílios domésticos. Pegaram gosto pela canoa e hoje em dia a Jandira e a Ditinha já comandam a pesca e os pescadores onde moram. Não sei se algum trabalho acadêmico acompanhou isso, acho que não, mas a verdade é que quando uma mulher de pescador ficava viúva, subia na canoa que era do marido e trazia o sustento da família enfrentando todo tipo de preconceito. A história dessas mulheres é parecida, a Jandira ouviu o pescador de outro barco falar: Volta pro fogão! É a mesma história dos carros, quando os homens viram mulheres dirigindo criaram tanta piada, que agora as seguradoras já desmentiram. O mar é para todos, é democrático: ricos, pobres, turistas, estrangeiros. E a mulher já conquistou o seu espaço! Parabéns!

*Crônica de Maria Angélica de Moura Miranda, selecionada na chamada pública do projeto Paisagens Caiçaras, em abril de 2021. Maria Angélica é jornalista e foi diretora do Jornal "O CANAL" de 1986 à 1996, quando também fazia reportagens para jornais do Vale do Paraíba. Em 1988 e 1989 publicou o jornal "Tebar em notícias" sobre o Terminal Marítimo Almirante Barroso. Escritora e pesquisadora de literatura do Litoral Norte de São Paulo, realiza, desde 1993, o "Encontro Regional de Autores".*



# BOAS VINDAS

(2021, cor, 7 min.)

Depoimento de Maria Angélica de Moura Miranda (abril, 2021).



"As famílias antigas tinham o hábito de se visitar, em Caraguá, em Ilha Bela e até em Ubatuba. Meus pais e meus tios tinham o hábito de ir a festas de casamento e a festas do padroeiro. E tinha também um tipo de reunião, que hoje em dia já não existe mais, que era o seguinte: quando ia ser coberta uma casa, o dono da casa convidava os amigos para vir ajudar a fazer o telhado. Muitas vezes na minha vida, meu pai encheu o caminhão com os amigos e falava "Ah, nós vamos lá cobrir a casa de fulano. Nós vamos passar o dia lá". A minha mãe fazia um monte de empadinhas, fazia um monte de coisa, porque a gente ia passar o dia naquele evento. Os homens subiam o telhado e cobriam a casa. Faziam a massa, fechavam a cumeeira com massa. E as mulheres se reuniam com as crianças para fazer um piquenique naquela casa recém coberta. Eu vivi isso muitas vezes, em Ilha Bela, em Caraguá, na Costa Sul... Meu pai participava demais disso, porque ele era do ramo da construção civil. Então as pessoas sempre convidavam meus pais para este tipo de evento."

**Trecho do depoimento de Maria Angélica de Moura Miranda**

## PEIXE MORTO

(2020, cor, 16 min.)

Rogério Soares (direção e texto); Líli Sarraff (bonecos); Ruddy Castillo (trilha sonora); Aorelio Domingues (música/ fandango Dinheiro de Peixe Morto); Estúdio W7 (gravação e edição); Angélica Ripari (produção).





## FISCAL DO IBAMA

(2020, cor, 3 min.)

Neide Palumbo (criação e narração); Paulo Alberton (direção e montagem); Isabel Galvanese (ilustrações); Rowena Crowe (animações); Priscila Prisco (reparação de imagens e animação); Bia Porto (design gráfico); Felipe de Souza (trilha sonora); Emanuel Araújo (projeto educativo); Isabel Palumbo (imprensa e mídias sociais); Marcos Tozzi (programação do app); Ana Cláudia Prado (execução do projeto educativo).



## VERSA, ELA

(2019, cor, 5 min.)

Antonia Moura (direção e edição); Com Dona Dursolina (Guaraqueçaba *im memorian*), Fandangueiras de Ubatuba, Cananéia, Paranaguá e Guaraqueçaba, Dona Neusa (Cananéia), Dona Benedita (Paranaguá), Rebeca Damian (Dança).



## GUAPURUVU - PROJETO VIOLA CAIÇARA

(Rodolfo Vidal, 2013)

Este catálogo foi construído com as fontes Roboto Condensed (24pt/28pt);

Roboto Light Italic (16pt/19pt); e Roboto Light (12pt/18pt);

IPHAN

SECRETARIA ESPECIAL DA **CULTURA**

MINISTÉRIO DO **TURISMO**

GOVERNO **FEDERAL**





UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Edições IPHAN